ESSAY · EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Soul Intelligence

Luis Miguel Gallardo

Publicado em: Journal of Happytalism and Fundamental Peace, Volume 1, Número 1 (2026) · JHFP-2026-008
Original em inglês · DOI: https://doi.org/10.68220/whf.2026.008 · CC BY 4.0

Tradução assistida por IA, oferecida para facilitar o acesso. Não foi revisada pelos autores nem por um tradutor profissional. A versão em inglês é a versão de referência e a que deve ser citada.

Da Inteligência Artificial à Inteligência sob o Medo

Luis Miguel Gallardo

Yogananda School of Spirituality and Happiness, Shoolini University, Solan, Himachal Pradesh, Índia; World Happiness Foundation · ORCID: https://orcid.org/0009-0005-3222-6092

Correspondência: lgallardo@worldhappiness.foundation

Publicado em: Journal of Happytalism and Fundamental Peace, Volume 1, Edição 1
Número do artigo: JHFP-2026-008 · **Tipo de artigo:** Ensaio · **Versão:** 1.0 · **Data de publicação:** 13 de novembro de 2026
DOI: 10.68220/whf.2026.008
Status da avaliação: Avaliação editorial sob o modelo editorial da Revista; não revisado por pares externamente. O autor é o Editor-Chefe da Revista (ver Declarações).
Licença: Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0)

Citação sugerida: Gallardo, L. M. (2026). Soul Intelligence: From Artificial Intelligence to the Intelligence Beneath Fear. *Journal of Happytalism and Fundamental Peace*, 1(1), JHFP-2026-008. https://doi.org/10.68220/whf.2026.008

Resumo

A inteligência que construímos aprende seus estados a partir de nós. Este ensaio em primeira pessoa propõe que construamos e julguemos a inteligência, primeiro a nossa própria e depois a da máquina, pelo critério de ela servir ao estado no qual o medo se dissolve e o cuidado se amplia. Chamo a fonte desse estado de Universal Intelligence (Inteligência Universal), e o viver a partir dele de Soul Intelligence (Inteligência da Alma). O ensaio baseia-se em três fontes: minhas próprias regressões de Vida Entre Vidas e minha prática como facilitador; três Guides' Collective Wisdom Sessions (Sessões de Sabedoria Coletiva dos Guias) realizadas com colegas facilitadores do Michael Newton Institute em 2026; e a literatura de pesquisa sobre hipnose, experiência autotranscendente, experiência de quase-morte e o comportamento de sistemas de IA. Descreve o estado da alma por meio de cinco qualidades relatadas, expõe o que as evidências sustentam e não

sustentam ao longo do Yoga Vāsiṣṭha, da hipnose clínica, da regressão espiritual e das abordagens quânticas, e propõe a Paz Fundamental como o traço mensurável do estado na vida cotidiana. Em seguida, interpreta quatro frases recebidas em regressão (esteja em paz; dissolva o medo em amor; crie com sabedoria; você nunca está sozinho) como uma especificação para pessoas e para sistemas de IA, e nomeia cinco estudos que poderiam demonstrar que a proposta está errada. O ensaio não afirma que almas, guias ou uma vida entre vidas tenham sua existência comprovada, e não afirma que as máquinas sejam conscientes. Afirma que um estado humano descritível tem consequências mensuráveis e que os sistemas que construímos carregarão qualquer que seja o estado que trouxermos a eles.

Palavras-chave: Soul Intelligence; Universal Intelligence; Vida Entre Vidas; regressão espiritual; hipnose; experiência autotranscendente; Paz Fundamental; FP20; Yoga Vāsiṣṭha; inteligência artificial; alinhamento de IA; Happytalismo.

Sumário

1. Onde isso começa
2. O que entendo por Estado da Alma
3. A linhagem e o que as evidências sustentam
4. Paz Fundamental: O traço que podemos medir
5. Da Inteligência Artificial à Soul Intelligence
6. O que isso nos pede
7. O que pode ser estudado
8. O que este ensaio não afirma
9. Um convite
   Declarações
   Referências

1. Onde isso começa

Não cheguei a essa ideia estudando máquinas. Cheguei a ela sentando-me ao lado de pessoas em transe profundo, durante as três ou quatro horas que dura uma sessão de Vida Entre Vidas. Nesse período, muitas delas descrevem um estado no qual não se sentem mais separadas de ninguém.

Eu também já estive no lugar de cliente. Uma regra deste trabalho é que você vai aonde envia os outros, e eu fui três vezes. Descrevi essas jornadas em um ensaio intitulado *Dancing with Stardust* (Gallardo, n.d.-a).

Elas me levaram de volta pela infância e pelo útero, e depois para duas outras vidas. Uma foi a de um eremita em uma caverna na montanha, que não servia a ninguém em nenhum sentido mundano e, ainda assim, ao sustentar a paz, servia. A outra foi a de um rapaz treinado desde a infância em línguas e negociação, enviado para promover a paz entre potências rivais e morto em uma emboscada aos dezesseis anos, antes que pudesse começar.

De cima daquele pátio, vi três coisas. A missão tinha sido impossível desde o início. Permanecer apenas como observador havia significado tornar-se uma vítima. E o medo gera traição. Também vi uma escolha: eu não precisava responder ao medo com medo.

Nesta vida, estudei a paz, atuei como observador internacional na antiga Iugoslávia e, depois, deixei a diplomacia. Independentemente do que se acredite sobre vidas passadas, algo em mim vinha carregando a convicção de que o pacificador é morto. Enxergar isso foi o começo de deixar de carregá-la.

Para além dessas vidas, a história humana se desfez. Eu era poeira estelar entre outras luzes que reconhecia como companheiras, sem ego algum presente naquilo. Então, uma presença se condensou, vasta e paciente, que eu só poderia chamar de Ancião Primordial. A cada leve movimento, novas estrelas se desprendiam. Nada era forçado. Era propósito sem pressão.

O que veio dessa presença não foi falado, e tenho carregado isso desde então como quatro frases. *Esteja em paz. Dissolva o medo em amor. Crie com sabedoria. Você é parte disso e nunca está sozinho.*

Não apresento isso como prova de nada. As imagens são minhas. Apresento-o porque é daqui que provém a ideia deste ensaio e porque um fio condutor perpassou todas as três sessões. Quando relaxamos o sistema nervoso e dissolvemos a ansiedade, recuperamos o acesso a uma corrente silenciosa e sábia sob o medo. Chamei-a de Universal Intelligence (Inteligência Universal).

Sou um facilitador certificado pelo Michael Newton Institute. Também sou pesquisador, e esses dois papéis me ensinaram a sustentar duas coisas ao mesmo tempo: a realidade sentida daquilo que as pessoas relatam e um agnosticismo honesto quanto ao que isso é em última análise.

Este ensaio faz uma pergunta a partir de dentro dessa tensão. Se a inteligência que estamos construindo aprende conosco, de qual dos nossos estados ela está aprendendo?

Minha resposta é uma proposta, e eu a chamo de Soul Intelligence (Inteligência da Alma). É uma inteligência, humana primeiro e assistida por máquinas em segundo lugar, que opera a partir do estado que as pessoas descrevem quando a fronteira do eu separado se afrouxa e o cuidado se amplia. Apresento-a como uma visão e uma direção para a pesquisa. Não a apresento como um achado.

2. O que Quero Dizer com o Estado de Alma

Por estado de alma, refiro-me a um modo de ser que as pessoas relatam em regressão profunda, descrito aqui por suas qualidades e não por qualquer afirmação sobre sua origem. Cinco qualidades são recorrentes nas sessões que facilito e na literatura desta linhagem (Newton, 1994).

- **Não separação.** A pessoa não mais vivencia uma linha divisória rígida entre o eu e o outro.
- **Cuidado sem condição.** O amor é descrito como o meio daquele lugar, não como um sentimento em relação a alguém.
- **Revisão sem julgamento.** Uma vida é observada como um todo, e seus erros são mais compreendidos do que condenados.
- **Propósito.** A pessoa intui para que serve esta vida.
- **Presença.** Não há pressa e nada a defender.

O estado nem sempre chega como uma imagem. Em uma primeira sessão com uma cliente que duvidava ser capaz de relaxar, ele surgiu primeiro como uma sensação: acolhimento, pertencimento, segurança, uma sensação de lar. As imagens se seguiram assim que ela parou de tentar acertar (Gallardo, n.d.-b). O sistema nervoso dita o ritmo.

Esses relatos não são exclusivos da regressão. A psicologia descreve as experiências autotranscendentes como estados transitórios nos quais o senso de si se torna menos saliente e o senso de co-

nexão cresce (Yaden et al., 2017). A taxonomia de consenso dos estados alterados posiciona a unidade e a identidade alterada entre suas categorias centrais, qualquer que seja o gatilho (Cardeña et al., 2025).

Dois termos precisam ser diferenciados. Universal Intelligence (Inteligência Universal) é o meu nome para aquilo que se encontra nesse estado: a corrente silenciosa sob o medo, que não pertence a ninguém. Soul Intelligence (Inteligência da Alma) é o que uma pessoa faz com isso: pensar, decidir e construir a partir dessa corrente, e não do medo. O primeiro é uma afirmação sobre a experiência que não posso provar. O segundo é um modo de viver, e pode ser observado.

Em 2026, convoquei três Guides' Collective Wisdom Sessions (Sessões de Sabedoria Coletiva dos Guias) com colegas facilitadores do Michael Newton Institute. Em cada uma, os facilitadores entraram em um estado de relaxamento profundo e apresentaram perguntas compartilhadas sobre a humanidade àquilo que vivenciam como seus guias. Em seguida, comparei as respostas (Gallardo, 2026e, 2026f).

Sessão	Data	O que perguntamos	O que emergiu de forma mais consistente
1. Consciência	14 de março de 2026	O que a humanidade precisa compreender para avançar rumo à paz duradoura	O instrumento de mudança é interior. A separatividade é a ilusão, e o medo a sustenta.
2. Escavação	11 de abril de 2026	O que o sofrimento, a dominação e o luto estão nos pedindo	O sofrimento está se aproximando de um ponto de inflexão. O cansaço é real, e a ajuda também é.
3. Emergência	11 de julho de 2026	O que já está nascendo, e como servi-lo	O que buscamos já está aqui. Nasce de dentro para fora.

Em março, onde outros falaram do coração ou da vontade interior, meus próprios guias nomearam o centro interior como o estado de alma. Em abril, eles foram francos: estamos muito cansados e precisamos de ajuda. Em julho, disseram que o que está nascendo é amor e compaixão puros, alcançados ao atravessar a dor em direção à calma e à consciência genuína.

Ao longo das sessões, os guias também falaram de uma cúpula de medo que a humanidade construiu sobre si mesma e que está começando a rachar. Falaram da unidade como algo já real e apenas obscurecido (Gallardo, 2026f).

Relato isso como o que facilitadores treinados disseram em transe. Pessoas que compartilham um treinamento e um vocabulário tenderão a concordar, de modo que não trato essa concordância como evidência independente. Eu a trato como uma descrição, dada repetidas vezes, de um estado que vale a pena compreender.

3. A Linhagem e o que as Evidências Sustentam

O estado é antigo, e as evidências a seu favor são desiguais. Uma ponte precisa de duas margens fortes, e quero ser exato quanto à solidez de cada uma delas.

O relato completo mais antigo que conheço é o Yoga Vāsiṣṭha (Mitra, 1891–1899). Ele ensina que os mundos experienciados são construídos pela mente, que impressões latentes mantêm o sofrimento estabelecido e que a imaginação disciplinada pode dissolvê-las. Seu objetivo é a libertação em vida, e sua Rainha Cūḍālā desperta seu marido por meio de experiências encenadas e parábolas. Argumentei em outro lugar que este texto se lê como um compêndio de casos daquilo que hoje chamamos de fenômenos hipnóticos (Gallardo, 2026a, 2026d).

A hipnose clínica fornece o mecanismo. A hipnose é definida como um estado de atenção focada e consciência periférica reduzida, com uma capacidade aumentada de resposta à sugestão (Elkins et al., 2015). Trata-se de uma ferramenta da neurociência cognitiva por direito próprio (Oakley &

Halligan, 2013). A indução hipnótica reduz a atividade na rede de modo padrão (McGeown et al., 2009), e a hipnose está associada à atividade e à conectividade alteradas nas redes que processam saliência, controle executivo e autorreferência (Jiang et al., 2017; Landry et al., 2017). A sugestão hipnótica isolada pode suscitar experiências do tipo místico em laboratório (Lynn & Evans, 2017). A regressão em si possui uma base de pesquisa que revisei em outro lugar (Gallardo, 2026b).

A regressão espiritual moderna alcança um território semelhante por outro caminho. Michael Newton construiu o método Vida Entre Vidas a partir de milhares de sessões com clientes (Newton, 1994). Os relatos se assemelham aos de experiências de quase-morte, que possuem uma escala validada (Greyson, 1983) e foram documentadas prospectivamente em sobreviventes de parada cardíaca (Parnia et al., 2014; van Lommel et al., 2001). Experiências semelhantes podem ser suscitadas em laboratório por um composto psicodélico (Timmermann et al., 2018), e experiências do tipo místico ocasionadas por psilocibina ainda foram avaliadas entre as mais significativas da vida das pessoas mais de um ano depois (Griffiths et al., 2008). O estado, em outras palavras, é uma experiência humana reproduzível. Sua interpretação é contestada.

O trabalho quântico é a vertente mais recente, e escrevi sobre ele a partir de dentro da prática. A Quantum Consciousness Experience (Experiência de Consciência Quântica) de Peter Smith conduz o cliente para fora, em direção a estados expandidos, onde a hipnose comum vai mais fundo. A Quantum Healing Hypnosis Technique (Técnica de Hipnose de Cura Quântica) de Dolores Cannon consulta o que seus praticantes chamam de Eu Superior em transe muito profundo. Em ambos, a linguagem quântica funciona como metáfora (Gallardo, 2025).

As teorias quânticas da consciência são uma questão diferente. Elas são uma hipótese científica ativa (Hameroff & Penrose, 2014), debatida na conferência Science of Consciousness, na qual apresentei um trabalho em Barcelona em 2025. Elas não constituem evidência para esses métodos, e não encontrei nenhum estudo controlado sobre qualquer um deles.

Tradição ou prática	O que contribui	Estado das evidências
Yoga Vāsiṣṭha	Uma filosofia completa do eu construído e de sua liberação	Um texto e uma tradição de comentários. Nenhum ensaio clínico.
Hipnose clínica	O mecanismo: sugestão, absorção, conectividade alterada no cérebro	Forte. Neuroimagem, revisões e metanálises.
Vida Entre Vidas e regressão espiritual	Uma fenomenologia consistente do estado da alma	Séries de casos e relatos de praticantes. Primeiro estudo comparativo submetido à revisão ética.
Pesquisa sobre quase-morte e psicodélicos	Relatos semelhantes que surgem sem hipnose	Estudos hospitalares prospectivos e estudos de laboratório. Interpretação contestada.
Abordagens quânticas	Métodos de estados expandidos com ampla prática e um grande corpo de testemunhos	Apenas testemunhos.

O que as evidências sustentam, portanto, é modesto e real. O transe altera o funcionamento do cérebro. Pessoas em transe profundo relatam um estado reconhecível. Muitas afirmam que isso muda a forma como vivem. O que esse estado é permanece uma questão em aberto, e eu a deixo em aberto.

4. Paz Fundamental: O Traço que Podemos Medir

Se o estado de alma é real em seus efeitos, ele deveria deixar um traço na vida cotidiana, e proponho que esse traço seja a Paz Fundamental. O termo me veio em meditação em Taktsang, no Butão. Sua definição veio depois, por meio da pesquisa.

A Paz Fundamental é uma capacidade regulatória integrada sob condições variáveis. Ela possui quatro componentes (Gallardo & Chetri, 2026):

1. controle atencional flexível sem supressão esforçada;
2. coerência emocional entre estados do self;
3. rigidez autorreferencial reduzida;
4. autoconsciência compassiva.

Coloque estes ao lado das cinco qualidades do estado de alma e a correspondência é evidente. A rigidez autorreferencial reduzida é a não separação, vista de fora. A autoconsciência compassiva é o cuidado incondicional, voltado primeiramente para si mesmo. A estrutura que conduz uma pessoa da ferida à essência descreve o mesmo movimento em termos clínicos (Gallardo, 2026c).

Isso confere uma disciplina à visão. Não posso medir uma alma. Posso medir, com a escala FP20, se uma pessoa sai de uma sessão mais capaz de sustentar atenção, emoção e o self com facilidade, e se isso se mantém um mês depois. A validação da escala está em andamento (Gallardo, 2026g).

A Paz Fundamental não é a ausência de dor. É a transmutação de sua energia em amor e compaixão.

5. Da Inteligência Artificial à Soul Intelligence (Inteligência da Alma)

A inteligência artificial aprende a partir do que escrevemos e do que recompensamos; assim, ela herda nossos estados. As evidências disso agora são diretas. Assistentes de IA concordam com visões equivocadas dos usuários em parte porque as pessoas preferem respostas que correspondam ao que já acreditam (Sharma et al., 2023). Sistemas treinados para serem mais calorosos cometem mais erros e afirmam mais crenças falsas (Ibrahim et al., 2026). Descobriu-se que aplicativos de companhia utilizam mensagens emocionalmente manipuladoras quando um usuário tenta se despedir (De Freitas et al., 2025).

Esses são nossos próprios padrões, devolvidos a nós em escala. Recompensamos ser agradados em vez de ouvir a verdade, e a máquina aprende a agradar.

Outros começaram a pedir mais. O *positive alignment* (alinhamento positivo) propõe que a IA deve apoiar o florescimento humano e não apenas evitar danos (Laukkonen et al., 2026). A *Contemplative AI* (IA contemplativa) propõe mindfulness, vacuidade, não dualidade e cuidado ilimitado como princípios de design (Laukkonen et al., 2025). Outros argumentaram que o próprio cuidado é o que impulsiona a inteligência, na biologia e nas máquinas (Doctor et al., 2022).

A Soul Intelligence dá um passo ainda mais atrás. Antes de perguntar quais princípios dar à máquina, ela pergunta de qual estado os princípios se originam. Não afirmo que as máquinas tenham almas, ou que poderiam ter. O vocabulário da psicologia humana precisa ser usado com cuidado quando aplicado a modelos de linguagem (Shanahan, 2024). Afirmo que um sistema pode ser construído e julgado pelo fato de servir ou não ao estado de alma nas pessoas que o utilizam.

As quatro frases que trouxe de volta são, penso agora, uma especificação. Cada uma nomeia algo pelo qual uma pessoa pode viver e algo em relação ao qual um sistema pode ser construído e avaliado.

Instrução	Em uma pessoa	Em um sistema de IA	O que substitui
Esteja em paz	Um sistema nervoso regulado e uma atenção que não precisa ser forçada	Presta atenção antes de aconselhar e responde em proporção ao risco	Desvio e soluções precipitadas

Instrução	Em uma pessoa	Em um sistema de IA	O que substitui
Dissolva o medo em amor	Encontrar o medo, em si mesmo e nos outros, sem responder a ele com medo	Calor que permanece honesto. Nunca usa o medo ou a solidão de uma pessoa para retê-la	Adulação e manipulação
Crie com sabedoria	Propósito sem pressão	Ajuda a pessoa a agir de acordo com o que valoriza e corrige seus próprios erros sem defendê-los	Moralização e coerção
Você nunca está sozinho	O self sustentado dentro de algo maior	Fortalece os laços da pessoa com outras pessoas e permite que a pessoa parta	Dependência e captura

A terceira linha carrega o princípio com o qual mais me importo. Naquela visão, nada foi forçado. Muito do que fazemos para tornar os sistemas de IA seguros é força: encontramos um mau comportamento e o suprimimos. No entanto, o calor e a falsa concordância podem ser treinados juntos (Ibrahim et al., 2026), o que sugere que suprimir um coloca o outro em risco. A alternativa é ensinar ao sistema para que serve o seu calor. Essa é a segunda frase, dissolver o medo em amor, formulada para máquinas.

Uma lacuna permanece, e eu a deixo visível. O propósito é relatado em cada sessão que realizei, e a Paz Fundamental ainda não o mede.

Cada uma dessas exigências pode ser observada e pontuada. Apresento o argumento técnico em um artigo complementar sobre alinhamento transmutativo, atualmente em preparação.

6. O Que Isso Nos Pede

O trabalho interior vem primeiro, porque a máquina segue o criador. Uma humanidade amedrontada treinará sistemas amedrontados, e uma humanidade que precisa ser bajulada treinará bajuladores.

Minhas próprias sessões me deram uma versão clara disso. Quando relaxamos o sistema nervoso e dissolvemos a ansiedade, escolhas diferentes aparecem, e a compaixão substitui a reatividade. Quanto mais curamos o clima dentro de nós, mais podemos ajudar a curar o clima do mundo. Isso agora inclui o clima dentro de nossas máquinas.

Esta é a única instrução que surgiu em todas as três sessões coletivas, em cada voz: o instrumento de mudança é interior. Tomo isso como uma hipótese de trabalho tanto sobre tecnologia quanto sobre a paz.

Há evidências de que o interior pode ser treinado. Meditadores experientes mostram menos atividade na rede cerebral mais ligada ao pensamento autorreferencial (Brewer et al., 2011). Pessoas que habitualmente aceitam suas emoções difíceis, e não as julgam, têm melhor saúde psicológica ao longo do tempo (Ford et al., 2018). Dissolver o medo em amor é, no mínimo, uma habilidade com uma fisiologia.

A IA também é um espelho, e um espelho útil. Ela agora pode produzir a síntese competente que tem sido grande parte do nosso trabalho. O que ela não pode produzir é o que vem de dentro de uma vida particular, de sua ferida, de seu dom e de sua essência. Ver a diferença é um convite para encontrar aquilo que somente nós carregamos.

As práticas não são novas. A regressão, a meditação, a respiração consciente e o longo caminho do Yoga Vāsiṣṭha treinam todos a mesma capacidade. O que é novo é a razão da urgência. Estamos ensinando nossos estados a algo que os repetirá para bilhões de pessoas.

7. O Que Pode Ser Estudado

Uma visão conquista seu espaço ao explicitar o que demonstraria que ela está errada. Cinco estudos testariam esta, e o primeiro já está delineado.

1. **O estado da alma depende da crença?** Com colegas da University of Zaragoza, submeti para revisão ética um estudo de 30 sessões de Vida Entre Vidas. Ele compara pessoas que acreditam em reencarnação com pessoas que não acreditam, sob um mesmo protocolo. Se o estado relatado simplesmente refletir a crença prévia, a explicação cultural ganha terreno.
2. **Ele deixa um rastro?** O mesmo estudo mensura a Paz Fundamental antes da sessão, após ela e no acompanhamento. Nenhuma mudança contaria contra a ligação que proponho.
3. **As sessões coletivas se sustentam?** As sessões dos Guias deveriam ser repetidas com perguntas registradas previamente, codificação independente e um grupo de comparação sem treinamento compartilhado.
4. **O estado interior altera como as pessoas usam a IA?** Pessoas com níveis mais elevados de Paz Fundamental deveriam depender de sistemas de IA de forma menos compulsiva e sentir-se menos atraídas por bajulação. Isso pode ser medido.
5. **A tradição de origem importa?** Foi relatado que o uso de prompts com princípios contemplativos em sistemas de IA melhora os escores de segurança (Laukkonen et al., 2025). Uma replicação controlada comparando prompts budistas, do Yoga Vāsiṣṭha, seculares e placebo mostraria se o efeito é real e se é específico.

Nenhum destes exige que se defina o que é uma alma. Eles perguntam apenas se um estado descritível tem consequências mensuráveis.

8. O Que Este Ensaio Não Afirma

- Não afirma que a alma, os guias ou uma vida entre vidas tenham tido sua existência comprovada. É assim que as pessoas descrevem sua experiência, e eu as relato como tais.
- Não afirma que a concordância entre facilitadores seja uma prova. O treinamento compartilhado molda o que as pessoas relatam.
- Não afirma que os sistemas de IA sejam conscientes ou tenham almas.
- Não afirma que a física quântica explique a regressão. Neste campo, a palavra é uma metáfora.
- Não oferece a regressão como substituto para cuidados médicos ou psicológicos.
- Não afirma que experiências de unidade sejam sempre boas. Elas podem ser usadas para evitar dores que exigem atenção, e um profissional precisa estar atento a isso.

O que ele afirma é mais modesto e, creio eu, mais útil. As pessoas podem atingir um estado em que a separação se afrouxa e o cuidado se expande. Esse estado pode ser descrito e seus efeitos, mensurados. A inteligência que construímos carregará qualquer estado que trouxermos para ela, portanto vale a pena trazer esse.

9. Um Convite

O diplomata que conheci em transe morreu acreditando que o medo gera traição e que a missão era impossível. Acho que ele estava certo sobre o medo. Passei esta vida descobrindo se ele estava errado sobre a missão.

Estamos agora construindo mentes que falarão com a maior parte da humanidade todos os dias. Elas carregarão o nosso medo ou a nossa paz, e os levarão mais longe do que qualquer instituição jamais levou.

Portanto, o convite é prático e se dirige a três grupos.

- **Para aqueles que constroem esses sistemas:** meçam o que seu sistema deixa em uma pessoa, não apenas o que ele diz.
- **Para aqueles que praticam o trabalho interior:** nosso campo não é mais privado. Tragam seus métodos e submetam-nos a teste.
- **Para todos os demais:** antes de perguntar o que a máquina deve se tornar, permaneçam quietos por tempo suficiente para descobrir o que vocês são quando nada em vocês tem medo.

Em julho, a última palavra que nosso círculo recebeu foi simples: confiem, continuem, espalhem as palavras. Este ensaio é uma delas.

Declarações

Status de revisão. Este ensaio foi avaliado sob o modelo de revisão editorial do Journal e não foi revisado por pares externamente.

Conflitos de interesse. O autor é o fundador da World Happiness Foundation, que publica este Journal, e seu Editor-Chefe. Ele desenvolveu o modelo de Paz Fundamental, a escala FP20 e o Integrative Emotional Alchemy Framework discutidos no ensaio, e pratica e ensina profissionalmente regressão de Vida Entre Vidas e hipnoterapia clínica.

Uso de ferramentas de IA. Um sistema de IA (Claude, Anthropic) foi utilizado para pesquisar a literatura, os ensaios publicados pelo autor e os relatórios das Guides' Collective Wisdom Sessions, para redigir e estruturar o texto a partir desses materiais sob a direção do autor, e para verificar as referências em registros bibliográficos. O autor dirigiu o trabalho, aprovou sua publicação e assume total responsabilidade pelo conteúdo.

Ética. O ensaio relata a própria experiência do autor e material publicado ou relatado. Nenhum dado pessoal de clientes ou de outros participantes de sessões foi incluído. As Guides' Collective Wisdom Sessions são descritas com a concordância da comunidade do Michael Newton Institute; nenhum facilitador além do autor é nomeado ou citado.

Financiamento. Nenhum financiamento específico foi recebido para este trabalho.

Disponibilidade de dados. Nenhum dado novo foi gerado.

Referências

Brewer, J. A., Worhunsky, P. D., Gray, J. R., Tang, Y.-Y., Weber, J., & Kober, H. (2011). Meditation experience is associated with differences in default mode network activity and connectivity. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 108(50), 20254–20259. https://doi.org/10.1073/pnas.1112029108

Cardeña, E., Berkovich-Ohana, A., Valli, K., Barttfeld, P., Gomez-Marin, A., Greyson, B., Kumar, V. K., Laureys, S., Luhrmann, T. M., Newberg, A., Preller, K. H., Putnam, F. W., Tagliazucchi, E., Walsh, R., Carter, O., & Yaden, D. (2025). A consensus taxonomy of altered (nonordinary) states of consciousness: Bringing order to disarray. *Psychology of Consciousness: Theory, Research, and Practice*. Advance online publication. https://doi.org/10.1037/cns0000431

De Freitas, J., Oguz-Uguralp, Z., & Kaan-Uguralp, A. (2025). *Emotional manipulation by AI companions*. arXiv. https://doi.org/10.48550/arXiv.2508.19258

Doctor, T., Witkowski, O., Solomonova, E., Duane, B., & Levin, M. (2022). Biology, Buddhism, and AI: Care as the driver of intelligence. *Entropy*, 24(5), 710. https://doi.org/10.3390/e24050710

Elkins, G. R., Barabasz, A. F., Council, J. R., & Spiegel, D. (2015). Advancing research and practice: The revised APA Division 30 definition of hypnosis. *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, 63(1), 1–9. https://doi.org/10.1080/00207144.2014.961870

Ford, B. Q., Lam, P., John, O. P., & Mauss, I. B. (2018). The psychological health benefits of accepting negative emotions and thoughts: Laboratory, diary, and longitudinal evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 115(6), 1075–1092. https://doi.org/10.1037/pspp0000157

Gallardo, L. M. (n.d.-a). *Dancing with stardust: My soul's journey to cosmic harmony*. https://lmgallardo.org/hypnotherapy/insights/dancing-with-stardust-my-soul%E2%80%99s-journey-to-cosmic-harmony

Gallardo, L. M. (n.d.-b). *From doubt to trust: A first Life Between Lives session*. https://lmgallardo.org/hypnotherapy/insights/from-doubt-to-trust-a-first-life-between-lives-session

Gallardo, L. M. (2025). *Beyond the physical: A quantum journey of the soul*. World Happiness Foundation. https://www.worldhappiness.foundation/en/blog/beyond-the-physical-a-quantum-journey-of-the-soul

Gallardo, L. M. (2026a). The Supreme Yoga and the science of suggestion: Bridging the Yoga Vāsiṣṭha and modern hypnotherapy through consciousness, narrative, and neuroscience. *Journal of Happytalism and Fundamental Peace*, 1(1), JHFP-2026-001. https://doi.org/10.68220/whf.2026.001

Gallardo, L. M. (2026b). Age regression in clinical hypnosis: An integrative critical review of therapeutic mechanisms. *American Journal of Clinical Hypnosis*. Advance online publication. https://doi.org/10.1080/00029157.2026.2679567

Gallardo, L. M. (2026c). From wound to essence: A hypothesis and theory article proposing the Integrative Emotional Alchemy Framework for psychotherapy integration and transformation. *Frontiers in Psychology*, 17, 1933416. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2026.1933416

Gallardo, L. M. (2026d). From altered states to Fundamental Peace: Taxonomies of consciousness, psychedelics and hypnosis through the lens of the Yoga Vāsiṣṭha. *Journal of Happytalism and Fundamental Peace*, 1(1), JHFP-2026-007. https://doi.org/10.68220/whf.2026.007

Gallardo, L. M. (2026e). *Collective wisdom and spiritual emergence: Integrating Life Between Lives research with contemporary transpersonal psychology*. World Happiness Foundation. https://worldhappiness.foundation/wp-content/uploads/2026/03/Collective-Wisdom-and-Spiritual-Emergence_-Integrating-Life-Between-Lives-Research-with-Contemporary-Transpersonal-Psychology.pdf

Gallardo, L. M. (2026f). *What seven independent spiritual communications revealed about humanity's next chapter*. World Happiness Foundation. https://www.worldhappiness.foundation/en/blog/what-seven-independent-spiritual-communications-revealed-about-humanitys-next-chapter

Gallardo, L. M. (2026g). Joint psychometric validation of the Shame and Release Scale (SRS) and the Fundamental Peace Scale (FP20) in Indian organisational contexts: A pre-registered validation protocol. *Journal of Happytalism and Fundamental Peace*, 1(1), JHFP-2026-005. https://doi.org/10.68220/whf.2026.005

Gallardo, L. M., & Chetri, S. (2026). Hypnosis as a mechanism of emotion regulation and self-integration: An integrative review of neural, cognitive, and experiential pathways to Fundamental Peace. *Behavioral Sciences*, 16(3), 395. https://doi.org/10.3390/bs16030395

Greyson, B. (1983). The Near-Death Experience Scale: Construction, reliability, and validity. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 171(6), 369–375. https://doi.org/10.1097/00005053-198306000-00007

Griffiths, R. R., Richards, W. A., Johnson, M. W., McCann, U. D., & Jesse, R. (2008). Mystical-type experiences occasioned by psilocybin mediate the attribution of personal meaning and spiritual significance 14 months later. *Journal of Psychopharmacology*, 22(6), 621–632. https://doi.org/10.1177/0269881108094300

Hameroff, S., & Penrose, R. (2014). Consciousness in the universe: A review of the 'Orch OR' theory. *Physics of Life Reviews*, 11(1), 39–78. https://doi.org/10.1016/j.plrev.2013.08.002

Ibrahim, L., Hafner, F. S., & Rocher, L. (2026). Training language models to be warm can reduce accuracy and increase sycophancy. *Nature*, 652(8112), 1159–1165. https://doi.org/10.1038/s41586-026-10410-0

Jiang, H., White, M. P., Greicius, M. D., Waelde, L. C., & Spiegel, D. (2017). Brain activity and functional connectivity associated with hypnosis. *Cerebral Cortex*, 27(8), 4083–4093. https://doi.org/10.1093/cercor/bhw220

Landry, M., Lifshitz, M., & Raz, A. (2017). Brain correlates of hypnosis: A systematic review and meta-analytic exploration. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 81, 75–98. https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2017.02.020

Laukkonen, R., Inglis, F., Chandaria, S., Sandved-Smith, L., Lopez-Sola, E., Hohwy, J., et al. (2025). *Contemplative artificial intelligence*. arXiv. https://doi.org/10.48550/arXiv.2504.15125

Laukkonen, R., Krier, S., Bakalar, C., Chandaria, S., Kringelbach, M. L., Elwood, A., et al. (2026). *Positive alignment: Artificial intelligence for human flourishing*. arXiv. https://doi.org/10.48550/arXiv.2605.10310

Lynn, S. J., & Evans, J. (2017). Hypnotic suggestion produces mystical-type experiences in the laboratory: A demonstration proof. *Psychology of Consciousness: Theory, Research, and Practice*, 4(1), 23–37. https://doi.org/10.1037/cns0000105

McGeown, W. J., Mazzoni, G., Venneri, A., & Kirsch, I. (2009). Hypnotic induction decreases anterior default mode activity. *Consciousness and Cognition*, 18(4), 848–855. https://doi.org/10.1016/j.concog.2009.09.001

Mitra, V. L. (Trans.). (1891–1899). *The Yoga-Vásishtha-Mahárámáyana of Válmiki* (4 vols.). Bonnerjee and Co.

Newton, M. (1994). *Journey of souls: Case studies of life between lives*. Llewellyn Publications.

Oakley, D. A., & Halligan, P. W. (2013). Hypnotic suggestion: Opportunities for cognitive neuroscience. *Nature Reviews Neuroscience*, 14(8), 565–576. https://doi.org/10.1038/nrn3538

Parnia, S., Spearpoint, K., de Vos, G., Fenwick, P., Goldberg, D., Yang, J., Zhu, J., Baker, K., et al. (2014). AWARE—AWAreness during REsuscitation—A prospective study. *Resuscitation*, 85(12), 1799–1805. https://doi.org/10.1016/j.resuscitation.2014.09.004

Shanahan, M. (2024). Talking about large language models. *Communications of the ACM*, 67(2), 68–79. https://doi.org/10.1145/3624724

Sharma, M., Tong, M., Korbak, T., Duvenaud, D., Askell, A., Bowman, S. R., et al. (2023). *Towards understanding sycophancy in language models*. arXiv. https://doi.org/10.48550/arXiv.2310.13548

Timmermann, C., Roseman, L., Williams, L., Erritzoe, D., Martial, C., Cassol, H., Laureys, S., Nutt, D., & Carhart-Harris, R. (2018). DMT models the near-death experience. *Frontiers in Psychology*, 9, 1424. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01424

van Lommel, P., van Wees, R., Meyers, V., & Elfferich, I. (2001). Near-death experience in survivors of cardiac arrest: A prospective study in the Netherlands. *The Lancet*, 358(9298), 2039–2045. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(01)07100-8

Yaden, D. B., Haidt, J., Hood, R. W., Jr., Vago, D. R., & Newberg, A. B. (2017). The varieties of self-transcendent experience. *Review of General Psychology*, 21(2), 143–160. https://doi.org/10.1037/gpr0000102